



CONGRESSO DIDÁTICO – TRANSMISSÃO: Fronteiras e horizontes...

Sábado, 17 de Outubro, 14h

MARIA CRISTINA FULCO

À guisa de Introdução:

Começaria, recordando que no “Encontro de Institutos”, que aconteceu no Congresso de Cartagena, em 2014, a que era chamada até então de “Comissão de Formação da FEPAL”, que trabalhou durante 4 anos, integrada por um grupo de colegas excelentes, entre eles, Leda Herrman, Wania Cidade, Elizabeth Chapuy, Isabel Mansione, Cecilia Rodriguez, e que eu tive o privilégio de coordenar, propôs levar à Ordem do dia da Assembleia da FEPAL, para ser votada, a **substituição da palavra Formação, por Transmissão. Depois de uma longa discussão, aceitou-se a mudança, mas parcialmente, já que se manteve a palavra Formação.** Não se tratava, para nosso grupo, de uma simples mudança de palavras, mas sim desde o conceitual dos dois termos: entendíamos que o termo **Formação** referia-se ao contexto acadêmico, a um caminho que marcava um ponto de chegada, a algo pré-estabelecido com finalidade de ensino, a etapas que deviam ser cumpridas e sem liberdade de escolha, à **ilusão de criar um perfil de candidato, um candidato formatado, clonado, desde o dizer de Peskin.**

A identidade analítica é o resultado de uma educação, de um ensino, uma transmissão? Todos são termos que se escutam no momento de pensar os eixos centrais que os integrantes dos diferentes institutos da IPA e da FEPAL sustentam, no exercício de sua função.

Na comemoração dos 10 anos do Instituto de Berlim, no livro em que Freud fez o Prólogo e que foi compilado por Eitingon, Freud mostrava-se cauteloso a respeito dos frutos do Instituto. Questionava a regulamentação excessiva a respeito da prática e da formação analítica. Perguntava-se: - O exercício da Psicanálise é uma matéria que tem que estar submetida à autoridade, ou é mais adequado deixá-lo liberado ao seu desenvolvimento natural?... E agregava que uma das funções do Instituto era ensinar a teoria, e desde a experiência dos analistas mais velhos poder ser transmitida... e desde meu modo de ver, a experiência e o vivência da análise vai ficando assim, vinculada à transmissão.

O conceito de transmissão, desde meu modo de ver, elucida o verdadeiro sentido psicanalítico, e evidencia o essencial da aquisição da identidade analítica, na medida em que fica intimamente ligado à ideia de processo. É um processo único para cada analista em formação, em seu trânsito pelas diferentes áreas do tripé analítico. É um elemento constante, por sua dimensão



inconsciente, impregnando estas áreas, e não apenas durante o trânsito pelo instituto. Entendo que este conceito atravessa a vida de cada analista, tanto na teoria como na prática, constituindo um dos elementos centrais de nosso paradigma.

Nesta mesa de abertura de um novo congresso didático, o tema eleito da Transmissão volta a colocar sobre a mesa, como pratos de uma balança, a tensão do par Formação-Transmissão, e o par vivência-experiência da aventura analítica, de acordo com o acento colocado em cada um dos termos, e com o modo de conceber a aquisição da identidade analítica, nos diferentes institutos de nossas sociedades, como bem o demonstram os diferentes modelos reconhecidos pela IPA. Poderíamos acrescentar um terceiro termo, **o da ética**, como ponte de união, subentendendo os dois termos.

Os efeitos da atual pandemia levam-nos, hoje mais que nunca e nestes novos tempos, a voltar a interrogar-nos, qualquer que seja o conceito que privilegiemos, e o modelo ao qual demos prioridade, sobre as mudanças bruscas a que fomos lançados, no exercício de nossa prática. Encontramo-nos exercendo nossa atividade em cenários inéditos, talvez nunca pensados no exercício de nosso ofício. Creio que a palavra violência daria conta de uma das características destes cenários, do impacto sofrido pela dupla analítica, ao ter que passar, de maneira abrupta e traumática, do divã para a tela, sem possibilidade alguma de processar, com antecipação, as mudanças impostas pela nova realidade na qual nos vemos submersos.

Primeiras perguntas: - Como estas mudanças têm influenciado nossa prática, no Enquadre e seus elementos? – Quais são os limites destas mudanças? – A que novos horizontes nos colocam frente a frente? – O que é “o não negociável”, como tantas vezes mencionei, parafraseando o expressado por uma candidata em algum dos Encontros de Institutos? Creio que é uma pergunta que mantém sua vigência, particularmente nestes novos tempos, no momento do encontro com nossos pacientes, no exercício de nosso trabalho.

Seguem-se outras perguntas: - **De que maneira as mudanças de época, e particularmente os efeitos da situação de pandemia que estamos vivendo, colocam sob questão a dimensão ética de nossa tarefa? – Nestes novos contextos, que uso fazemos de nossas ferramentas psicanalíticas, dos elementos do nosso método, mas sem banalizá-los e nem tirarmos deles sua natureza?**

Talvez um dos muitos desafios a enfrentar seja o de um maior trabalho com nossa transferência, de maneira a estarmos atentos para não nos deslocarmos, e dizendo de forma descritiva, do “como se”, “como se”... como se se tratasse de um processo analítico, apenas porque o paciente está no divã, ou atualmente



na tela, e mantém determinada frequência, enquanto o trabalho se instala num nível predominantemente Consciente – Pré-consciente, e nessa ordem.

Do divã à tela: tem sido um dos grandes impactos que os dois integrantes do processo têm tido que enfrentar. A ausência dos corpos, a limitação do sensorial, que ficou reduzido à voz, e às vezes apenas à troca de olhares; estão excluídos os odores, saudações, o corpo a corpo da saudação inicial e final, elementos todos que veiculam o pulsional do corpo erógeno. Teremos que acrescentar que o trabalho com a realidade psíquica, que é inerente ao nosso ofício, recebe a interferência e é dificultado pelos acontecimentos de uma realidade externa comum, instalando abruptamente a paciente e a analista no que **Janine Puget e Wender**, chamaram de “**Mundos superpostos**”, em que a **Epistemofilia da analista (o desejo de interrogar-se sobre o desejo, o desejo de analisar)**, deixa lugar à **Escoptofilia**, abandonando transitoriamente a função analítica. Fica assim questionada a possibilidade de uma “autêntica” transmissão no espaço da prática.

E refiro-me não somente ao campo analítico, mas sim aos outros pilares do tripé, seminários e supervisões, já que entendo que são espaços de transmissão nos quais também entram em jogo os elementos básicos do método, como o são a regra de abstinência, a associação livre e a atenção flutuante, na medida em que são elementos que abrem o caminho para o *insight*, e para a interpretação ao longo de todo processo.

Em relação à instituição psicanalítica e aos institutos, não quero deixar de mencionar o lugar importante que ocupam, habilitando ou interferindo as vias de transmissão da psicanálise, como espaço continente pelo qual circula o mundo pulsional de seus habitantes. Entramos aqui na dupla vertente que já mencionei em algum trabalho: a regulamentação exaustiva através de Estatutos e Regulamentos, ou o “tudo vale”, que exclui os limites. Entre ambos extremos entra o compromisso ético das três ou quatro áreas do tripé (o quarto pé a considerar é o trabalho institucional, em que são convocados, e se encontram analista e paciente em contextos cujos efeitos repercutem no campo analítico).

É um desafio permanente, portanto, na zona de cruzamento em que se encontram o espaço analítico e o espaço compartilhado do espaço institucional. Ambos espaços que, a não discriminação da cena analítica (com seu imperativo da regra de abstinência e de renúncia ao poder que a regressão transferencial lhe outorga), põem em questão os integrantes da dupla, com os consequentes efeitos que causam sobre a transmissão.

Ao longo dos anos, em diferentes Encontros de Institutos e Jornadas, tem-se insistido muitas vezes sobre o mal-estar que produzem certos paradoxos que afetam diretamente a transmissão, paradoxos vinculados aos institutos que, por um lado chamam à não ingerência do analista na trajetória do analista em



formação, reconhecendo o máximo respeito pela privacidade desse espaço íntimo e confidencial, no qual analista e paciente trabalham no calor dos avatares da dinâmica transfero-transferencial. Enquanto que, simultaneamente, se regulamenta com quem se deve analisar um analista em formação, desconhecendo de maneira radical as características do que é um processo analítico. Ou o analista em formação vê-se obrigado a mudar de analista, quando seu analista não está na categoria de Didático.

São imposições regulamentares, com sua face de violência, atravessando as áreas do tripé, que à guisa dos destinos do trauma, interferem no processo de transmissão, cujos efeitos podem levar o analista em formação **a uma posição acrílica e alienante, com seu analista, supervisor ou docente.**

Espaço, o dos institutos, a instituição e seus trabalhos, que habilita o deslocamento das transferências laterais, das que tanto se tem falado, dando conta do modo em que os narcisismos em jogo, ocupam um lugar protagonista, gerando alianças tribais, que podem levar a gerar adeptos, mais que seres pensantes, como o expressou Marcelo Viñar, ou analistas clones, como o descreve L.Peskin. São situações que voltam a interpelar a ética de cada analista com seu paciente, quando este, o paciente, é chamado a atestar as necessidades narcisistas de seu analista. É uma preocupação histórica, o modo de estabelecer um equilíbrio entre uma regulamentação mínima no caso dos institutos, e a liberdade do candidato de poder desenhar sua própria trajetória para a aquisição de sua identidade analítica, mas também em relação ao modo em que a tópica do poder vai infiltrando as diferentes áreas institucionais.

Para finalizar, quero compartilhar com vocês a proposta que surgiu no último Conselho de Presidentes da FEPAL, em julho de 2020.

Proposta, vinculada a um dos temas tratados, surgidos desde o cuidar de crianças e adolescentes, frente ao recrudescimento dos temas sociais, políticos e econômicos que nos aguçam, e à necessidade da psicanálise e dos psicanalistas de envolver-se no estabelecimento de políticas públicas, que levaram à infantilização da pobreza e seus efeitos sobre o processo de subjetivação.

Sabemos que há décadas, muitas de nossas sociedades têm saído para o além dos muros, e estão comprometidas com o trabalho em comunidade, com as zonas marginais de alta vulnerabilidade, com os hospitais, universidade, jurisdição, educação, entre outras.

Foi considerada a importância do respaldo a estas iniciativas, por parte dos Institutos da FEPAL e da IPA, por meio da revisão e atualização de seus planos de estudo, e da **inclusão de seminários curriculares, que se realizem fora dos muros dos institutos, e coordenados por docentes dos institutos.** Esta proposta que hoje queremos compartilhar para o intercâmbio e debate neste



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



encontro, sustenta-se no que entendemos como uma forma de habilitar a apropriação de ferramentas psicanalíticas para este tipo de abordagens, na formação de novos analistas.

A experiência dos institutos que têm incluído estes seminários, tem-nos demonstrado de que maneira a variedade da clínica que permite conhecer estes espaços, clínica diferente daquela que temos em nossos consultórios particulares, assim como o intercâmbio com a interdisciplinar reverte-se em conceitualizações novas, que interrogam nosso paradigma, enriquecendo e aprofundando o processo de transmissão.

Reafirmar que a teoria e a clínica constituem um par indissociável, que se retroalimenta, sem chegar nunca a se esgotar, já que a teoria sempre ficará escassa para dar respostas à clínica, e a clínica muitas vezes ficará órfã de referenciais teóricos que lhe permitam compreender um pouco mais sobre as complexidades do psiquismo. Mas estas carências mútuas são o essencial para o avanço de nossa disciplina, que diferentemente das ciências duras, define a especificidade de nosso campo de conhecimento, como aquele que sempre deixa um resíduo, algo desconhecido que nos desafia a sustentar a incerteza, resíduo como elemento sempre presente em nosso trabalho.

Neste sentido, parecem-me oportunas as palavras de J. Pontalis, que diz: "... quando a Psicanálise reverte-se sobre si mesma, satisfaz a vocação de todo aparato de crença, que é pôr fim ao trabalho indefinido e metafórico do pensamento, pela edificação de uma nova realidade, fechada e tautológica, que se fará tomar pela causa verdadeira do acontecimento."

Tradução: Maria Teresa Moreira Rodrigues. SBPSP